

## Os Açorianos e sua influência na arquitetura e urbanização

### Desterro XVIII-XIX

Rodrigo May

[digu\\_may@hotmail.com](mailto:digu_may@hotmail.com)

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: Este trabalho não busca necessariamente falar sobre a organização das vias de transporte em Florianópolis através dos tempos, ou mesmo de suas 'adaptações' mais modernas. O que se busca demonstrar é como antigas legislações como: a Provisão Real de 09 de Agosto de 1747 de D. João V e o Código de Posturas de Desterro de 1898 lidavam com este espaço físico, quais as primeiras medidas tomadas para urbanização e como acabaram contribuindo de certa forma para o traçado da Florianópolis atual. Outro ponto relevante deste trabalho é procurar evidenciar como aponta Nestor Goulart Reis Filho<sup>1</sup> uma interdependência, entre a arquitetura e o lote urbano, seja ela amadurecida pela tradição de modo informal ou planejada e pensada racionalmente e como isto influenciou no desenho da Florianópolis de hoje em dia.

Palavras-chave: Açorianos, Arquitetura, Urbanização.

Abstract: This work necessarily does not search to say on the organization of the ways of transport in Florianópolis through the times, or same of its 'adaptações' more modern. What if it searches to demonstrate is as old legislações as: the Real Provision of 09 of August of 1747 of D. João V and the Code of Positions of Deportation of 1898 dealt with this physical space, taken measured which the first ones for urbanization and as they had finished contributing of certain form for the tracing of the current Florianópolis. Another excellent point of this work is to look for to evidence as it points Nestor Goulart Reis Filho an interdependence, between the architecture and the urban lot, either it ripened by tradition in the informal or rationally planned and thought way and as this influenced in the drawing of the Florianópolis of nowadays.

Keywords: Açorianos, Architecture, Urbanization.

*Açorianos and its influence in the architecture and urbanization. Desterro XVIII-XIX.*

A concepção de Cidade no Brasil Colônia.

O que buscamos aqui não é uma 'verdade' absoluta sobre o assunto, ou dizer que o modo de concepção de cidades adotado pelos portugueses no Brasil ou em Santa Catarina é o responsável pela situação dos espaços urbanos atuais, até mesmo porque o

---

<sup>1</sup> REIS FILHO, Nestor Goulart. *Quadro da Arquitetura no Brasil*. 4ª Edição. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1970. p. 16.



Rodrigo May: Os açorianos e sua influência na arquitetura e urbanização

crescimento das cidades transformou boa parte deste cenário. Queremos com este artigo apenas fazer pequenas considerações a respeito da arquitetura e urbanização entre os séculos XVII e XIX ou mesmo buscar uma abordagem diferente a respeito dos problemas atuais de nossa cidade, para tentar encontrar respostas aos questionamentos que nos fazemos diariamente a respeito do espaço urbano de Florianópolis.

A primeira imagem que geralmente nos vem à cabeça quando falamos de cidades, são os grandes centros urbanos, industrializados e esfumados das cidades modernas, um conceito atual que foi "construído" através dos tempos e baseado em nossa realidade atual. Mas como conceber um conceito de cidade no período colonial brasileiro, quais eram as intenções e expectativas dos primeiros "centros urbanos" em nosso país, a quem elas atendiam?

Segundo Sara de Souza, "as cidades no Brasil vão surgir atendendo a planos de estratégia políticos, econômicos ou mesmo eclesiásticos"<sup>2</sup>. No período colonial elas eram estruturadas primeiramente com o intuito de manter a posse da terra, pela mineração ou pela manutenção de postos militares.

Um dos principais fatores que deram início ao projeto de colonização do sul Brasil pela Coroa portuguesa, foi o seu grande interesse pela Bacia do Rio da Prata e as disputas contra a Espanha pelo domínio desta região. Configurando-se inicialmente a ilha de Santa Catarina um importante entreposto de abastecimento para os navios que aqui aportavam. Em meados do século XVIII, com a anulação do Tratado de Madri, a relação entre estes dois países acaba se complicou e os conflitos se agravaram.

É neste contexto de disputa de territórios entre Portugal e Espanha que se inicia a vinda das primeiras grandes "levas" de colonizadores para a Ilha de Santa Catarina e a construção das fortificações, capitaneados pelo Brigadeiro José da Silva Paes.

A conservação do território e a cobertura militar estratégica para a manutenção das fronteiras do sul do país foram os principais fatores para a elevação da antiga póvoa de Desterro para vila<sup>3</sup>, dando início às primeiras ações de transformação urbana e arquitetônica, baseadas principalmente na subsistência do aparato militar instalado na região.

---

<sup>2</sup> SOUZA, Sara Regina Silveira de. *A Presença Portuguesa na Arquitetura da Ilha de Santa Catarina - Sécs. XVIII e XIX*. Florianópolis: Ed. IOESC, 1981. p. 157.

<sup>3</sup> PIAZZA, Walter F.; HÜBENER, Laura Machado. *Santa Catarina História da gente*. 5 .ed. Florianópolis: Ed. Lunardelli, 2001. p.41.



Com a vinda dos primeiros casais açorianos para a ilha de Santa Catarina em 1748, vemos através da Provisão Real de 09 de Agosto de 1747, as primeiras tentativas do Rei Dom João V em organizar núcleos populacionais dentro de um modelo específico.

O dito Brigadeiro porá todo o cuidado em que estes novos colonos sejam bem tratados e agasalhados, e assim na mesma ilha como nas terras adjacentes... em cada um dos quais se estabeleçam pouco mais ou menos sessenta casais dos que forem chegando, e no contorno de cada lugar e nas terras que ainda não estiverem dadas de sesmaria assinalará um quarto de légua em quadro a cada uma das cabeças de casal do mesmo lugar, na forma declarada no dito edital. Para acento e logradouro públicos de cada lugar se destinará meia légua em quadro, e as demarcações destas porções de terra se fará por onde for melhor o mostrar e permitir a comodidade do terreno não importando que fiquem em quadrados, contanto que a quantidade de terra seja a que foi dita.

No sítio destinado para o lugar se assinalará um quadrado para a praça de quinhentos palmos de face, e em um dos lados se porá a igreja, a rua ou ruas se demarcarão ao cordel com largura ao menos de quarenta palmos, e por elas e nos lados da praça se porão as moradas com boa ordem, deixando umas e outras e para trás lugar suficiente e repartido para quintais atendendo assim ao cômodo presente como a poderem ampliar-se as casas para o futuro<sup>4</sup>.

A fala de Dom João V ao formular um projeto de urbanização para a vila de Desterro vem ao encontro com os estudos de Reis Filho, quando comenta da “monotonia” dos espaços urbanos e da uniformidade das fachadas e de sua disposição em relação ao lote dando uma característica predominantemente portuguesa aos vilarejos

Não só a construção e distribuição dos colonos em território ultramarino foi preocupação da coroa, outro fator importante levado em conta pelo monarca português foi a construção de igrejas, sempre edificadas em local de destaque.

E por quanto o primeiro cuidado que deve ter-se, he que todos os colonos sejam assistidos de pasto espiritual, e de sacramentos, em cada hum dos ditos lugares fará o Brigadeiro levantar uma igreja da estatura que basta para este primeiro estabelecimento... calculando para sessenta casais, o que toca a huma Igreja.<sup>5</sup>

<sup>4</sup> Provisão Real de 09 de Agosto de 1747. In: SOUZA, Sara Regina Silveira de. *A Presença Portuguesa na Arquitetura da Ilha de Santa Catarina- Séc. XVIII e XIX*. Florianópolis: Ed. IOESC, 1981. p. 156-157.

<sup>5</sup> BOITEUX, Lucas Alexandre. Notas para a História Catharinense. In: SOUZA, Sara Regina Silveira de. *A Presença Portuguesa na Arquitetura da Ilha de Santa Catarina- Séc. XVIII e XIX*. Florianópolis: Ed. IOESC, 1981. p. 157.

A construção da Igreja para os portugueses neste período é tão importante que chamou a atenção de muitos dos viajantes que aportavam em Desterro, como o russo Krusenstern em visita a cidade em 1803, ele expressa em seus relatos o seguinte fato:

Eles estavam, nessa época, construindo uma igreja, que em muitos países católicos é considerada muito mais importante do que hospitais ou outras edificações úteis. Eu fiquei muito surpreso ao ver numa noite por volta das dez horas, quando me dirigia para bordo, diversos escravos negros de ambos os sexos carregando pedras para aquele propósito.<sup>6</sup>

Seu local centralizado se dá devido a estas edificações no período colonial ocuparem um importante papel político e social. É em volta delas que se reuniam os moradores das vilas ao final das celebrações, e delas era responsabilidade os registros de óbito, nascimento e casamentos, daí sua construção em local de destaque na praça central das vilas.

O lote Urbano e sua relação com a arquitetura e a urbanização.

Ao falar sobre a arquitetura e a urbanização de Desterro entre os séculos XVIII e XIX é praticamente impossível compreendê-las sem antes perceber as características que se dão aos lotes urbanos e as residências rurais deste período e principalmente a disposição de suas edificações. Diferente de outras populações da América, como as do México e do Peru, o Brasil não possuía uma tradição de construção representativa como estes países, permitindo aos portugueses a adoção de sua “própria” arquitetura, adaptada as características e necessidades de cada região não sendo diferente em Desterro.

Procurando seguir parâmetros pré- estipulados pelas legislações vigentes ou antigas tradições urbanísticas trazidas de Portugal, os primeiros núcleos urbanos apresentavam ruas de aspecto uniforme com residências construídas sobre o alinhamento das vias públicas e paredes laterais sobre o limite dos terrenos. Não se concebia casas recuadas ou com jardins como hoje em dia.

Em uma época na qual, com raras exceções, havia ruas com calçamento ou passeios públicos e ainda eram desconhecidos equipamentos topográficos, o traçado das

---

<sup>6</sup> KRUSENSTERN- relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX. IN: SOUZA, Sara Regina Silveira de. *A Presença Portuguesa na Arquitetura da Ilha de Santa Catarina- Séc. XVIII e XIX*. Florianópolis: Ed. IOESC, 1981. p. 85.

Rodrigo May: Os açorianos e sua influência na arquitetura e urbanização

ruas era construído por meio de cordas e estacas, não havendo condições de serem mantidos por muito tempo, portanto a rua existia sempre como um traço de união entre conjuntos de edificações que assim era definida espacialmente por estes<sup>7</sup>.

Esta uniformidade na formatação dos terrenos correspondia também à uniformidade das edificações, as dimensões, o número de aberturas, a altura dos pavimentos ou o alinhamento das casas revelam uma preocupação em manter uma aparência portuguesa as vilas e cidades brasileiras. Mesmo com a transformação das pequenas vilas em núcleos populacionais mais complexos este modelo “aportuguesado” (isso se dá em Desterro entre os séculos XVII e XIX) pouco muda segundo Souza: “as fachadas tinham em geral dimensões bastante exíguas. Eram raríssimos os edifícios construídos em terrenos com mais de quatro ou cinco braças de frente”<sup>8</sup>, (o que corresponde entre oito metros e oitenta centímetros e onze metros em medidas atuais).

Um importante documento que nos ajuda a entender a preocupação com a uniformidade das construções é o Código de Posturas Municipais de Desterro de 1898, capítulo II, artigo 20, que diz o seguinte:

ART. 20 As casas ou frentes que se edificarem ou reedificarem dentro do perímetro da cidade, terão as dimensões seguintes:

1° Altura entre a soleira e a linha da base da corrija 4 metros no mínimo.

2° Altura mínima das portas 3 metros e das cimalthas 2 metros; largura mínima de umas e outras 1 metro, 30.

3° Largura máxima dos claros entre portas e janelas 2 metros; a mínima idetermanada.

4° A altura das corrijas – entre 40 e 50 centímetros, saliência de 20 a 28 centímetros; altura das platibandas- entre a quarta e a quinta parte da altura da frente.

5° Altura das soleiras das portas, de 10 ou 20 centímetros acima das calçadas ou passeios<sup>9</sup>.

As legislações a respeito das edificações, a escassez de mão-de-obra “especializada”, material e a concepção de morar dos “colonos” acabaram determinando os modelos de construção.

Os principais tipos de habitação eram o sobrado com dois pavimentos e a casa térrea de chão batido, que definiam o status social que o indivíduo pertencia. Habitar um

<sup>7</sup> REIS FILHO, Nestor Goulart. *Quadro da Arquitetura no Brasil*. 4ª Edição. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1970. p. 24.

<sup>8</sup> SOUZA, Sara Regina Silveira de. *A Presença Portuguesa na Arquitetura da Ilha de Santa Catarina- Séc. XVIII e XIX*. Florianópolis: Ed. IOESC, 1981. p. 159.

<sup>9</sup> Código de Posturas Municipais de Desterro- Rio de Janeiro, Casa Mont’ Alverne, 1898. In: SOUZA, Sara Regina Silveira de. *A Presença Portuguesa na Arquitetura da Ilha de Santa Catarina- Séc. XVIII e XIX*. Florianópolis: Ed. IOESC, 1981. p. 159.



Rodrigo May: Os açorianos e sua influência na arquitetura e urbanização

sobrado significava riqueza, o andar superior era a moradia familiar e o andar inferior era ocupado por algum comércio ou local de acomodação de escravos ou animais.

Outro tipo de habitação característico do período colonial eram as chácaras, construídas nas periferias dos centros urbanos, elas solucionavam um dos principais problemas do período colonial brasileiro, que era a falta de abastecimento. Por tais razões elas tornaram-se habitações de pessoas abastadas que utilizavam as casas urbanas apenas em ocasiões especiais, em Desterro estas propriedades eram encontradas nas imediações da Praia de Fora na rua hoje conhecida como General Bittencourt e nas ruas Esteves Júnior e Bocaiúva.

Somente a partir da segunda metade do século XIX é que as primeiras mudanças significativas começam a aparecer. As antigas concepções de construir e morar entra em decadência, o advento de novas tecnologias como o serviço de água e esgoto, o emprego de novos equipamentos pesados como as máquinas a vapor e as serrarias e a adoção de políticas de higienização acabaram revolucionando o meio urbano.

A situação econômica favorável com a crescente exportação de café, a vinda de novos colonos europeus e a adoção de novos costumes e tecnologias como a implantação de redes de água e esgoto vindos da Europa acabam modificando antigos hábitos do período colonial.

Inspiradas no ecletismo (combinações de elementos arquitetônicos do passado para criação de um nova arquitetura) as primeiras transformações verificadas estão relacionadas ao deslocamento das construções do limite dos lotes. Primeiramente verifica-se nas casas maiores o deslocamento de um dos lados e a utilização de jardins como novo elemento paisagístico e entradas laterais utilizadas normalmente como entradas de serviço, logo depois se verifica o deslocamento das fachadas sob o leito das ruas.

Desta forma verifica-se no Segundo Império um refinamento técnico através da utilização de mão-de-obra e equipamentos vindos da Europa. À medida que se desenvolve o capital dos mais abastados se tem início a uma nova fase na arquitetura e urbanização dos centros urbanos, desaparecendo a uniformidade dos antigos esquemas arquitetônicos, criando-se assim uma “liberdade” por assim dizer, na concepção das novas formas de construção, as antigas alcovas dão lugar a ambientes cada vez mais ventilados e iluminados, os antigos “tigres” (escravos que transportavam água e excrementos das residências até o seu local de destino, normalmente o mar no litoral)



Rodrigo May: Os açorianos e sua influência na arquitetura e urbanização

são substituídos pelas novas redes de água e esgoto que começam a ser instaladas principalmente nos grandes centros urbanos.

Verifica-se esta transformação dos meios urbanos através das adaptações dos Códigos de Posturas Municipais como o de Florianópolis, que determinava a “instalação de Platibandas”<sup>10</sup> de ferro, cimento ou pedra na fachada dos prédios que possuíam seus beirais apontados para as vias públicas<sup>11</sup>. Conduzindo a água das chuvas por calhas direto para as sarjetas, evitando que as pessoas se molhassem com a água vinda dos telhados durante as chuvas.

Estas mudanças foram necessárias devido às transformações ocorridas no espaço urbano e a importância tanto econômica e social que este ambiente começa a demonstrar. O próprio crescimento da cidade, a implantação de redes de água e esgoto, o fim da “dependência” da mão de obra escrava como exclusiva força de trabalho e a adoção de um transporte coletivo criaram a necessidade de uma nova concepção de cidade com vias mais largas, passeios públicos e iluminação. Enfim, um novo jeito de pensar cidade começa a se formular atendendo as necessidades que começam a se estabelecer.

Após o estudo de alguns documentos e bibliografias referentes ao assunto que se procurou abordar neste artigo, pude compreender que a estrutura de uma cidade é construída para atender aos anseios e as necessidades de determinado povo em determinado período. E suas mudanças não se dão em curto espaço de tempo, e são condicionadas por várias determinantes desde geográficas, econômicas, ideológicas, sociais ou tecnológicas.

E estas transformações se dão de diferentes maneiras nas duas áreas abordadas. Na arquitetura estas mudanças são menos complexas não exigindo grandes adaptações do meio, uma vez que depende apenas do espaço em que se localiza (lote) e da tecnologia adotada, já na urbanização este processo é muito mais lento e complexo, pois necessita da transformação quase da transfiguração do espaço físico, muitas vezes já ocupado quando se fala em centros urbanos, o que acaba a condicionando.

E mesmo havendo estas mudanças acima relacionadas, boa parte das estruturas, ou seja, do traçado urbano acaba permanecendo, como pode ser percebido na

---

<sup>10</sup> Espécie de balastrada (muretas) decorativa de cerca de 80 centímetros de altura que contornavam os telhados, utilizado para interromper o fluxo de água dos telhados para as calçadas no final do século XIX.

<sup>11</sup> Código de Posturas Municipais de Desterro- Rio de Janeiro, Casa Mont' Alverne, 1898. In: SOUZA, Sara Regina Silveira de. *A Presença Portuguesa na Arquitetura da Ilha de Santa Catarina- Séc. XVIII e XIX*. Florianópolis: Ed. IOESC, 1981. p. 161.



Rodrigo May: Os açorianos e sua influência na arquitetura e urbanização

maioria das grandes cidades brasileiras constituídas entre os séculos XVII e XIX, com ruas estreitas e mal projetadas para nossa realidade.

A mudança deste traçado mantendo resquícios de antigas edificações que se torna o grande desafio dos especialistas da atualidade. Como pensar uma nova cidade mantendo parte das antigas estruturas?

O ponto nodal desta discussão é exatamente este “ponto de equilíbrio” entre as várias concepções de cidade. Como manter parte da história patrimonial viva e adaptar antigas estruturas urbanas as necessidades da sociedade atual. A contribuição da história para estes novos desafios é procurar estudar os hábitos das antigas sociedades e sua maneira de se organizar em núcleos urbanos e auxiliar na criação de uma política pública de preservação do patrimônio histórico equilibrando o desenvolvimento moderno com suas gigantescas edificações aos antigos sobrados do período colonial.

Referências:

FILHO, Nestor Goulart Reis. *O Quadro da Arquitetura no Brasil*. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1978.

VEIGA, Eliane Veras da. *Florianópolis Memória Urbana*. Florianópolis: UFSC; Fund. Franklin Cascaes, 1993.

SOUZA, Sara Regina Silveira de. *A Presença Portuguesa na Arquitetura de Santa Catarina*. Florianópolis, FCC, Edições 1981.

